
Empatia e compaixão num bairro popular

memórias inesquecíveis!

“E nos perguntamos como criar e preparar líderes com este perfil, verdadeiramente centrados no serviço das pessoas, para partilhar de perto os percursos das pessoas.”
(Ir. Óscar Martín)

Ir. Ricardo Reynozo

Professor e líder comunitário em comunidades de inserção
Província do México Central



O mundo era pequeno para mim! Aos 25 anos, fui designado para fazer parte da nova comunidade de Irmãos Maristas com outros dois Irmãos: o Irmão Pedro e outro para fundar uma escola popular. Além da idade e do entusiasmo, era moda ser crítico de tudo, tivesse ou não fundamento. A retórica dos exibicionistas fazia-me sentir pouco mais do que um herói do Olimpo. Tinham passado três anos desde que terminara o meu curso de professor primário e já ia a meio dos meus estudos na Escola Normal superior. Começava a dar aulas numa escola secundária e, como não havia professores, dividíamos as disciplinas entre nós os três, pois só tínhamos duas turmas no primeiro ano do secundário.

Com o Pedro falámos da educação libertadora, do sistema opressor, da solidariedade e da militarização da América Latina... Deixámos sem palavras o outro irmão, que era o diretor e líder da comunidade, que considerávamos pertencer a uma geração passada e que recusava a mudança social e eclesial.

Esse irmão escutava com paciência nossos argumentos arrogantes.

A relação que tínhamos com a paróquia, através da qual tínhamos tomado as providências para a fundação daquela escola, levava-nos a acompanhar velórios e respetivas novenas, bênçãos de casas, orações aos doentes... Além disso, como o nosso carro era o único na colónia, pediam-nos muitas vezes para levar os doentes ao hospital a qualquer hora da noite ou do dia. Eu inscrevia-me em tudo isso à noite. E o Irmão, embora não partilhasse a minha perspetiva, deixava-me estar...

Claro que, na manhã seguinte, a Ave Maria matinal era rezada quase em “piloto automático”.



Por vezes, censurávamos a timidez de algumas ações de solidariedade deste Irmão, face à situação do nosso bairro, que era difícil, com as suas ruas lamacentas e grandes poças de água, onde o álcool e a droga abundavam nas festas e que, frequentemente, terminavam com mortos ou feridos.

Algum tempo depois, o Ir. Pedro foi substituído pelo Ir. José, um irmão mais novo que tinha preocupações científicas: “a religião do momento”. O tom das nossas conversas mudou, assim como os assuntos, mas não a jactância. O outro Irmão já tinha 50 anos, sofria de diabetes e participava com cautela em todas as atividades. Conhecia os seus limites ou... talvez achasse conveniente que experimentássemos... que “batéssemos os dedos sozinhos”.

Perguntava-nos sempre como tinha corrido a aula ou se tínhamos levado um doente ao hospital durante a noite. Escutava-nos sempre com um sorriso no rosto. De vez em quando, fazia uma observação que, para ser sincero, não se coadunava com a nossa “grandeza heroica”, mas a observação era feita de tal forma que era impossível refutá-la, rejeitá-la ou ignorá-la. Não havia outra alternativa senão ruminar, porque tinha sempre razão. Era um homem sábio.

Este Irmão era um psicólogo nato, mas era da geração dos que não puderam fazer estudos por mais que os pedissem. Era hábil nas relações humanas.

Tinha empatia com todos e, sobretudo, era respeitoso e cheio de afeto.

José e eu descemos pouco a pouco do Olimpo e pusemos os pés na terra dos mortais.

Este Irmão, sem se lembrar da nossa insolência, estava sempre aberto quando lhe pedíamos conselhos. Em várias ocasiões, quando os nossos recursos pedagógicos estavam esgotados para “subjugar os adolescentes indomáveis à nossa vontade”, ele, pacientemente e sempre com um sorriso no rosto, fez-nos compreender o comportamento dos adolescentes e como geri-lo para que fossem eles próprios, e não para os subjugar. José e eu adorávamos aquelas tardes escuras e chuvosas que nos proporcionavam longos momentos, na hora da sobremesa. Depois do jantar, o ambiente adormecia os nossos egos e preparávamo-nos para escutar. Então, esse Irmão partilhava também os seus sentimentos, a sua história, as suas ilusões truncadas e as suas aspirações profundas.

Não havia dúvida: ERA UM HOMEM DE DEUS! Não tinha medo de reconhecer os seus limites! Conhecia-se bem! Pelo menos para mim, deixava-me a pensar, a comparar, a ver que se podia viver feliz neste mundo, apesar dos limites que eu desejava não ter.

No fim de contas, começámos a aceitar que este “irmão mais velho” não era tão antiquado como supúnhamos, que tínhamos algumas ideias em comum e que - mesmo que não concordássemos muito com a sua abordagem social - os três partilhávamos o gosto de estar naquele bairro pobre e isso fazia-nos sentir que Champagnat vivia nas nossas veias. Evidentemente, o cansaço estava a acumular-se. Pensávamos em nós mesmos nos períodos em que as aulas eram suspensas, no Natal ou na Páscoa. Nesses momentos de descanso, saíamos do bairro e fazíamos uma pausa para visitar outras comunidades. O Irmão esforçava-se para que descansássemos e dormíssemos horas extras. Quando a escola recomeçava, o Irmão pedia planos de aula, notas, pontualidade... com a doçura que o caracterizava, mas sem perder a firmeza que o caso exigia. Reconhecia-se como tendo um físico inestético, embora estivesse sempre a sorrir. Costumava dizer, troçando de si próprio: “Tenho um bom conteúdo, mas estou mal embrulhado”. Nunca lhe faltavam alunos no seu gabinete do diretor, ainda que fosse só para conversar. Era capaz de fazer de tal modo, que os alunos e as alunas não tinham medo de partilhar as suas experiências. Dava conforto e alívio quando eram dolorosas. Mesmo aos dois jovens irmãos da comunidade, fazia-nos abrir o coração e tratava as feridas que aí encontrávamos. Sabia quando colocar a mão no ombro ou invocar Maria, quando nos enganávamos. Sabia como canalizar a raiva, quando devíamos enfrentar a frustração ou colocar nas mãos de Deus a impotência diante dos nossos próprios limites. Ela ajudou-me a crescer e a viver feliz. Querido Irmão, agradeço-te, hoje, pelas vezes que não fui capaz de fazê-lo a tempo.



As opiniões expressas neste documento são da responsabilidade do autor e não refletem necessariamente os pontos de vista do Instituto Marista.

Se quiser partilhar com a Comissão as suas ideias, reflexões ou experiências sobre a liderança servidora e profética, como resultado destas reflexões, escreva para fms.cimm@fms.it